

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MUSEOLOGIA

**COLEÇÃO DE OBJETOS DO CANDOMBLÉ NÃO INCORPORADOS AO
MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG: processo de elaboração do dossiê para
submissão à Comissão do Acervo.**

GLEN ATAIDES ARAUJO

Goiânia

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MUSEOLOGIA

COLEÇÃO DE OBJETOS DO CANDOMBLÉ NÃO INCORPORADOS AO MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG: processo de elaboração do dossiê para submissão à Comissão do Acervo.

GLEN ATAIDES ARAUJO

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Museologia – Bacharelado, da Faculdade de Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Manuelina Maria Duarte Cândido

Goiânia

2017

GLEN ATAIDES ARAUJO

**COLEÇÃO DE OBJETOS DO CANDOMBLÉ NÃO INCORPORADOS AO
MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG: processo de elaboração do dossiê para
submissão à Comissão do Acervo.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Museologia, aprovado
em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora
constituída pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Manuelina Maria Duarte Cândido

Orientadora

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza

Membro

Ana Cristina de Menezes Santoro

Membro

Agradecimentos

À minha esposa, Adeliane Macêdo e Silva;

À minha orientadora Professora Dr^a. Manuelina Maria Duarte Cândido;

À equipe do Museu Antropológico.

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade promover a ampliação do conhecimento e significado de alguns objetos ritualísticos pertencentes a religião afro-brasileira do Candomblé, que estão no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, sem registro formal. Para o desenvolvimento deste trabalho foram efetuados estudos sobre a religião Afro-brasileira e sobre os objetos. Em termos metodológicos, foram realizados levantamento bibliográfico iniciado durante a prática de estágio e com supervisão de professores e do corpo técnico do museu, onde foram manuseados e fotografados os objetos e os resultados transferidos para fichas museológicas, para futura avaliação pela Comissão de Acervo, que irá deliberar sobre a incorporação, ou não, dos objetos ao acervo do Museu Antropológico.

Palavras-chave: Museu; Objetos de Candomblé; Acervo doado.

ABSTRATC

This research aims to promote the expansion of knowledge and meaning of some ritual objects belonging to the Afro-Brazilian religion of Candomblé, who are in the Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, without formal registration. For the development of this work, studies were done on the Afro-Brazilian religion and on objects. In methodological terms, a bibliographical survey was carried out during the internship and supervised by teachers and the technical staff of the museum, where objects and results transferred to museological fact sheets were handled and photographed for future evaluation by the Commission of the Collection, which will deliberate on the incorporation or not of the objects to the collection of the Museu Antropológico.

Key words : Museum; Object of Candomblé, Donated Collection.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1	11
O problema da representatividade da temática afro-brasileira em museus brasileiros	11
Capítulo 2	15
O museu ativo e não passivo: a política de acervo e a sistematização dos processos de ingresso de acervos em museus	15
Capítulo 3	21
A coleção de objetos do Candomblé não incorporados ao acervo do Museu Antropológico da UFG	21
Considerações finais	42
Referências bibliográficas:	45
Anexos	51

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1- 18/05/2017 - Caixas com os objetos - Fonte: Autor	23
Foto 2- 18/05/2017 - Búzios - Fonte: Autor	24
Foto 3- 18/05/2017 - Fava de Aridan - Fonte: Autor	25
Foto 4 - 18/05/2017 - Semente de Ataré - Fonte : Autor.....	26
Foto 5 - 18/05/2017 - Benjoim - Fonte : Autor	26
Foto 6 - 18/05/2016 - Mirra em pó - Fonte : Autor	27
Foto 7 - 18/05/2017 - Incenso em grãos - Fonte: Autor	28
Foto 8 - 18/05/2017 - Pemba - Fonte : Autor	29
Foto 9 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte: Autor	31
Foto 10 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte : Autor	31
Foto 11 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte : Autor	32
Foto 12 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte : Autor	32
Foto 13 - 18/05/2017 - Turíbulo - Fonte : Autor	33
Foto 14 - 18/05/2017 - Carvão - Fonte : Autor.....	34
Foto 15 - 18/05/2017 - Cabaça - Fonte : Autor	34
Foto 16 - 18/05/2017 - Alguidar - Fonte : Autor.....	35
Foto 17 - 18/05/2017 - Quartilho - Fonte : Autor.....	36
Foto 18 - 18/05/2017 - Fava de Oxum - Fonte : Autor.....	37
Foto 19 - 18/05/2017 - Yemanjá - Fonte : Autor.....	38
Foto 20 - 18/05/2017 - Oxossi - Fonte : Autor	39
Foto 21 - 18/05/2017 - Indumentária Oxum - Fonte : Autor.....	40

Introdução

Um patrimônio cultural representativo de um grupo étnico social, ao ser incorporado por um museu, deve trazer junto todas as informações possíveis, por meio de recursos e dos instrumentos de registro de que dispõe para traduzi-lo em conhecimento e comunicação a serem alcançados pelo público.

A organização de acervos é uma tarefa complexa e necessária. Daí decorre uma problemática: quantos são e quais significados possuem estes objetos religiosos afro-brasileiros que estão sem uma documentação adequada e mesmo não incorporados formalmente ao acervo do Museu Antropológico? Como um trabalho do Curso de Museologia da UFG pode contribuir para regularizar a situação deste acervo e torná-lo disponível?

Sabe-se que há inúmeros estudos antigos e recentes sobre a importância dos objetos e sua simbologia na vida e na cultura dos povos. São cultuados e idolatrados, tornando-se uma linguagem subjetiva das aspirações e dos ideais humanos nos rituais sagrados, daí sua existência desde os tempos primórdios.

Esta pesquisa foi constituída com a finalidade de iniciar um processo de levantamento e reunião de informações para a elaboração de um dossiê sobre os objetos com temática referente ao Candomblé ainda não incorporados ao acervo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, e fornecer subsídios para avaliação pela Comissão de Acervo do Museu, que por meio de seus critérios, irá deliberar sobre a sua incorporação ou não ao acervo.

Após a apresentação dos objetos do museu com a temática da religião afro-brasileira do Candomblé, foram realizados estudos para conhecimento sobre a inserção destes objetos nos rituais e cerimônias da religião, ampliando os sentidos e seus significados, identificando-os como bem cultural representativos de uma identidade, buscando um conjunto de informações para serem utilizadas na confecção das fichas que farão parte do dossiê.

Este trabalho teve início durante o Estágio curricular obrigatório buscando identificar e tratar estes objetos como algo especial, representativo de uma identidade cultural. A museóloga Helena Ferrez, define que:

É esse conjunto de informações sobre um objeto que estabelece seu lugar e importância dentro de uma cultura e que o torna um testemunho, sem o qual seu valor histórico, estético, econômico, científico, simbólico e outros é fortemente diminuído. (FERREZ, 1991, p.3)

Desejamos que a elaboração do trabalho monográfico que descreve e reflete sobre todo o processo da pesquisa possa também ser uma referência para museus que não possuam procedimentos estabelecidos para avaliação e incorporação de acervos.

Como métodos da investigação utilizamos:

- Pesquisa em livros, catálogos, sítios da *internet* e consultas a especialista e/ou praticantes do Candomblé para melhor contextualização do tema e identificação dos objetos;
- Análise dos objetos por meio do cotejamento com as fontes anteriormente citadas;
- Produção das fichas de dados museológicos que comporão o dossiê para avaliação pela Comissão do Acervo, com a finalidade de justificar a incorporação ou não destes objetos ao acervo do Museu Antropológico.

Este trabalho se justifica por realçar a presença de conjuntos de objetos afro-brasileiros já doados, mas ainda não incorporados formalmente ao acervo do Museu Antropológico da UFG, contribuindo concretamente para resolver um problema identificado na relação entre o museu e a sociedade.

Identificando o problema da pouca representatividade da cultura afro-brasileira no Museu Antropológico da UFG, buscamos desenvolver processos técnicos-científicos para melhorar esta situação e inclusive contribuir ao mesmo tempo para resolver outro problema, que é a ausência de procedimentos padrões nos museus para recebimento de acervos doados, que fazem com que muitos deles passem anos sem incorporação formal.

O museu comunica-se com a sociedade e a Museologia é a ponte que viabiliza esta comunicação. A Museologia oferece uma oportunidade de aproximação sistemática com a sociedade de hoje, e tem sua preocupação voltada para dois grandes fenômenos: a necessidade de compreender o comportamento individual ou coletivo do homem em frente ao seu patrimônio e por outro lado, desenvolver mecanismos para que, a partir desta relação, o patrimônio seja transformado em herança e, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades individuais ou coletivas. (BRUNO, 1996)

Assim, este trabalho se justifica pelo fato de que, ainda que a Comissão de Acervo do Museu, ao analisar o dossiê elaborado, opte por não incorporar este conjunto de objetos, estamos criando e registrando um procedimento que pode ser replicado neste e em outros museus em situações similares.

O acervo em processo de doação deve ser confirmado por meio da ação documental de registro e identificação etnográfica e museológica. O conjunto de instrumentos de registro vai permitir o trabalho dos profissionais de museu, registrando sua identificação e caracterização física e social, gerando assim conhecimento a respeito do assunto, uma vez que são objetos de

natureza religiosa popular, e devem ser preservados e integrados aos espaços enquanto documento museal, juntamente com seus significados e representação de um determinado grupo étnico social.

O dossiê para submissão da coleção à Comissão de Acervo do Museu Antropológico da UFG concentrará todos os registros documentais, as fichas relativas às informações conseguidas sobre os objetos do acervo, em averiguações anteriores e de uso recente.

Em relação à metodologia de pesquisa proposta neste trabalho, nos capítulos 1 e 2 desenvolvemos a pesquisa bibliográfica e em *web sites* através de referenciais teóricos que fundamentaram os conceitos e desenvolvimento da área de documentação dentro da museologia e sobre a historicidade do Candomblé no Brasil.

A Pesquisa Bibliográfica é fundamentada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa (PÁDUA, 2012, p.55)

No capítulo 3 foi feito um estudo de caso que foi aplicado em campo de estágio no qual foram catalogados em um dossiê os objetos pesquisados dentro de um apanhado bibliográfico.

De posse dos objetos foi iniciado o preenchimento da ficha de identificação (anexos A e B) do Museu Antropológico para o registro dos dados informativos a respeito do objeto, com a orientação da equipe do Museu quando aos procedimentos e quanto à normas técnicas para manuseio direto do acervo.

As fichas museológicas foram preenchidas em arquivo digital por meio do uso de computadores do Museu, uma ficha para cada objeto, utilizando um número de registro provisório de 01 a 26. No processo de manuseio da coleção foi necessário o uso de luvas sintéticas descartáveis. A equipe do Museu recomendou o uso do instrumento paquímetro, para as medições necessárias, que foi entregue para o trabalho juntamente com etiquetas, cordão ou linha e sacos plásticos transparentes adesivados novos para embalar os objetos depois de analisados.

Capítulo 1

O problema da representatividade da temática afro-brasileira em museus brasileiros

A pouca representatividade da temática afro-brasileira em museus do país tem despertado a necessidade de novas pesquisas e reinterpretações dos objetos e documentação sobre as práticas religiosas como o Candomblé.

Um patrimônio cultural representativo de um grupo étnico social, ao ser incorporado por um museu, deve trazer junto todas as informações possíveis, por meio de recursos e dos instrumentos de registro de que dispõe para traduzi-lo em meios de conhecimento e comunicação a serem alcançados pelo público.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o Candomblé é uma prática religiosa que sofreu e esbarra em muito preconceito, a começar pelo reconhecimento de ser uma religião, o que só aconteceu depois dos anos 30 no século XX, apesar de ser a mais popular no país.

“Não existem estatísticas que deem o número exato de fiéis, os dados variam. Segundo o Suplemento sobre Participação Político-Social da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1988, 0,6% dos chefes de família (ou cônjuges) seguiam cultos afro-brasileiros. Um levantamento do Instituto Gallup de Opinião Pública, no mesmo ano, indicou que Candomblé ou Umbanda era a religião de 1,5% da população”. (CAMPOLIM, 2016)

Por medo de discriminação, muitas pessoas adeptas do Candomblé e de outras religiões menos conhecidas, preferem omitir a sua verdadeira opção religiosa para se resguardar contra atos de preconceito e intolerância religiosa, pois ainda hoje vivemos em uma sociedade desinformada e preconceituosa, apesar dos avanços da legislação brasileira no sentido de coibir tais atos.

Conforme reportagem publicada na revista “Superinteressante” sobre o Candomblé, a gerente de Pesquisas do IBGE, Elisa Callaux, explica que os índices apresentados nas pesquisas não exprimem a realidade citando, como exemplo, a mais conhecida mãe de santo do Brasil, Menininha do Gantois, falecida em 1986, que declarou aos pesquisadores que era católica apostólica romana.

O Candomblé era a forma de chamar as festas e reuniões no Brasil, praticadas pelos escravos trazidos de diferentes regiões da África, para cultuar seus deuses e que depois passou a denominar um conjunto de cultos praticados por esses negros.

O Candomblé é uma religião politeísta. Olorum é o criador do Universo e que depois criou o mundo, não interferiu mais nele. Oxalá, seu filho, recebeu do pai a incumbência de

gerar os homens. Seus auxiliares, ou ministros, são os Orixás. No Brasil tem-se o conhecimento de pelo menos 50 Orixás, e na África são pelo menos 600. (AMARAL, 2001)

Os Orixás são forças da natureza e habitam determinados elementos: terra, água, vento, conchas, árvores, madeira, ferro, frutas e pedras. As pedras são suas moradias preferidas. Os Orixás habitam na natureza, mas manifestam-se através dos seres humanos. É uma religião que intensifica e incentiva a relação homem e natureza, buscando assim o equilíbrio entre os seres não materiais do céu, e os seres do interior da terra, os materiais, procurando sempre conectar estes dois planos. É durante os rituais que acontece a conexão entre os humanos e as divindades.

Os ancestrais Iorubás, que compuseram o começo dessa cultura, acreditavam que forças sobrenaturais estavam presentes na natureza. Fenômenos como tempestades, raios e trovões eram entendidos como a fúria dos deuses, e para abrandá-la, eram oferecidas homenagens que representavam uma relação de submissão e proteção que ligava os homens aos espíritos da natureza. Com o passar dos tempos estes espíritos passaram a ser cultuados como Orixás, responsáveis pelo controle e direção do mundo natural como o trovão, o raio, e a fertilidade da terra, enquanto outros foram cultuados como guardiões de montanhas, cursos de água, árvores e florestas. (MELO, 2007, p. 29)

De acordo com as pesquisas de Pierre Verger, um fotógrafo e etnólogo, divindades africanas frequentemente associadas a forças da natureza, como trovão, o mar, os rios ou o arco-íris, são chamadas de orixás, voduns e inquices, segundo a sua região de origem. Para omitir essas divindades diante da igreja católica pois a religião era proibida, os escravos alinharam os santos com os orixás e criaram as divindades brasileiras a esses rituais nominados de caboclos.

O culto prestado aos Orixás dirige-se a princípio, às forças da natureza. É verdade que ele representa uma força da Natureza, mas isto não se dá sob sua forma desmedida e descontrolada. Ele é apenas parte dessa natureza, sensata, disciplinada, fixa, controlável, que estabelece uma relação entre o homem e o desconhecido. (VERGER, 2000, p. 37)

Os Orixás, para o Candomblé, são os deuses supremos. Possuem personalidade e habilidades distintas, bem como preferências ritualísticas. Estes também escolhem as pessoas que utilizam para conectar desde o ato do nascimento, podendo compartilhá-lo com outro orixá, caso necessário.

No Candomblé, o acesso ao saber é domínio exclusivo das pessoas que foram iniciadas, e a preservação do segredo é o mecanismo básico que mantem a hierarquia do corpo sacerdotal, ou seja, quem mais sabe mais poder tem.

As práticas do Candomblé acontecem em templos chamados casas, roças ou terreiros que podem ser de linhagem matriarcal (quando somente as mulheres podem assumir a

liderança), patriarcal (quando somente homens podem assumir a liderança) ou mista (quando homens e mulheres podem assumir a liderança do terreiro). A celebração do ritual é feita pelo pai de santo ou mãe de santo, que inicia o despacho do Exu. Em ritmo de dança, o tambor é tocado e os filhos de santo começam a invocar seus orixás para que entrem em transe. O ritual tem no mínimo duas horas de duração.

Os terreiros de Candomblé apesar de origem brasileira, apresentam uma estrutura organizacional totalmente moldada nas tradições e nos costumes dos povos Iorubás, já que foram estes os responsáveis pelo estabelecimento do culto aos Orixás no Brasil. Da mesma forma que a natureza está vinculada aos deuses e aos homens, para esta sociedade, os terreiros mantêm sua tradição viva criando um microcosmo desta para legitimar a sua organização social. (MELO, 2007, p. 3)

As religiões costumam estabelecer seus próprios símbolos e objetos a serem cultuados, essencialmente, são criados com o objetivo de relacionar a humanidade com a espiritualidade e seus valores morais, são narrativas, tradições, simbolismos e histórias sagradas repassados ao longo dos tempos que destinam a dar sentido à vida ou explicar a sua origem e a do universo.

O uso de símbolos, incluindo arquétipos, atos, trabalhos artísticos, eventos, ou fenômenos naturais, por uma religião é o que determina o simbolismo religioso. A maioria das doutrinas visualizam textos, rituais, obras de arte, objetos como símbolos de ideias que liguem o carnal ao espiritual. Os símbolos exprimem os valores morais da sociedade, os ensinamentos da religião, cria um sentimento de solidariedade

Os Orixás são representados por objetos símbolos identificados como ferramentas dos Orixás e estas ferramentas ou objetos servem para ajudar os crentes a visualizar e perceber melhor os seus deuses. Estes objetos são construídos artesanalmente com ferro, latão, barro, tecido, palha, madeira, búzios, contas ou são os próprios elementos da natureza como sementes, pedras, vegetais, água e terra, e são depositados nos assentamentos, espécie de santuário, os pejis, onde são colocados também tigelas (alguidás), com as comidas preferidas, oferendas, de cada Orixá. Estão presentes também outras manifestações como o fogo, vento, raio e trovões são representadas através de sons, ritmos, movimento e cor.

O Museu Antropológico da UFG existe desde junho de 1969. Seu acervo possui mais de quatro mil peças etnográficas e mais de cento e quarenta mil peças arqueológicas, além de acervos documentais e bibliográficos. O acervo etnográfico do Museu é composto por objetos indígenas e de cultura popular e representa aspectos da cultura material das diversas populações da Região Central do Brasil. É constituído por matérias-primas orgânicas diversas como plumárias, cerâmicas, madeiras, fibras entre outras. O acervo arqueológico contém

testemunhos provenientes de diversas pesquisas, e é constituído, principalmente, por objetos líticos e cerâmicos que ilustram a cultura material das populações pré-colonial e colonial que habitaram ou transitaram pela Região Centro-Oeste em espaços diferenciados e momentos distintos (GOIÂNIA, 2014)

Tratando-se de um Museu Antropológico em uma região que possui 4,6% de população afrodescendente (IBGE, 2010) percebe-se que ao abordar a cultura regional o Museu precisa ainda equacionar os desequilíbrios de representatividade entre culturas indígenas e culturas afro-brasileiras.

Capítulo 2

O museu ativo e não passivo: a política de acervo e a sistematização dos processos de ingresso de acervos em museus

Quando se reconhece em um objeto, ou neste caso, em um grupo de objetos, as características de representação identitária de um povo, ao integrarem uma coleção, eles passarão pelo processo de musealização, e, desconstituídos de seus atributos específicos e de recordações primárias, tornam-se documentos. Estes objetos são retirados da vida funcional cotidiana para se tornarem, no museu, suportes de informação.

É esse conjunto de informações sobre um objeto que estabelece seu lugar e importância dentro de uma cultura e que o torna um testemunho, sem o qual seu valor histórico, estético, econômico, científico, simbólico e outros é fortemente diminuído. (FERREZ, 1994, p. 3)

De acordo com o Dicionário Michaelis, documento é qualquer objeto ou fato que serve de prova, confirmação ou testemunho. Do latim *documentum*, derivado de *docere* “ensinar, demonstrar” é qualquer meio que comprove a existência de um fato, um apontamento, uma carta, um escrito que reproduz um acontecimento uma ocorrência ou uma situação. Trata-se de um escrito que apresenta dados capazes de serem utilizados para transmitir ou conservar uma informação servindo para consulta, estudo ou comprovar alguma coisa.

A definição de Documento, de uma forma geral, é qualquer forma de registro de informações independente da forma ou suporte que são utilizados para historiar e em algumas ciências ou em alguns de seus ramos, podem conter definições particularizadas e específicas. Dentro da Documentação Museológica e Gestão de Acervo, conforme a educadora e museóloga Padilha, ela define Documento como:

É qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação.

Ao ser criado, o documento apresenta forma e função, características essas que irão estabelecer suas possibilidades de uso e de salvaguarda posterior. A origem, o formato e a sua funcionalidade são fatores que, muitas das vezes, determinam se ele será documento de arquivo, biblioteca ou museu. Ao ser pesquisado, o documento permite a extração das informações intrínsecas e extrínsecas, ao mesmo tempo que novos usos e significados podem ser construídos. O documento é o suporte que evidencia algo a alguém e que, ao passar por um processo técnico específico, manifesta seu potencial informativo. Ele é o meio que nos traz a informação e, assim, permite que o indivíduo produza conhecimentos diversos. (PADILHA, 2014, p. 13).

Dentro do acervo de um museu, o objeto deve primeiramente passar por uma investigação que vise à sua identificação com a missão da instituição. O significado atribuído ao objeto diz respeito à finalidade do museu, podendo variar conforme a característica com a qual o museu se apresenta.

Para entendermos de acervos no Museu, é necessária uma definição simples do que é um museu e suas atribuições, e segundo Desvallées e Mairesse (2013) o termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem¹ e do seu meio. A definição mais conhecida de Museu encontramos nos estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM) de 2007:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, educa, pesquisa, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de preservação, estudo, educação e deleite. (ICOM, 2007 apud DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013)

Para compreender o processo que transforma um objeto de variados suportes, funções e usos específicos em um objeto museológico, é necessário reconhecer etapas que o caracterizam como documento de valor patrimonial e informacional e que, portanto, deve ser preservado. Assim, uma vez analisado, recebe intencionalmente um valor documental que permitirá sua incorporação ao acervo museológico.

Ainda de acordo com a museóloga Padilha, sobre o processo de musealização do objeto:

Todo objeto pode ser potencialmente um objeto museológico, porém o que o elevará a essa categoria é a análise que a instituição fará no momento em que ele for adquirido. Ressalta-se a necessidade de o objeto possuir semelhança com o tipo de acervo salvaguardado pelo museu e de dialogar com sua missão e com seus objetivos. Assim, sua aquisição será vista como autêntica ao propósito institucional. (PADILHA, 2014, p. 19)

Quando o objeto museológico é identificado, passa a compor uma coleção definida pela instituição e assim se torna componente de algo ainda maior, que é o acervo museológico.

[...] o acervo museológico é composto por documentos (peças, objetos, artefatos) que intencionalmente são guardados, pois providos de um valor documental que lhes foi intencionalmente atribuído” (SMIT, 2011, p. 33 apud PADILHA, 2013)

¹ A despeito dos recentes estudos de gênero, é utilizado aqui o masculino neutro, Homem no sentido de Humanidade.

São muitos os motivos que levam os museus a preservarem os objetos em seu acervo: por ser raro, pela sua fabricação, pelo valor científico e cultural, pela preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, é evidente que qualquer um destes motivos está submetido às possibilidades de informação que os objetos carregam em si, bastando estudá-los para que apareçam respostas sobre seus usos, seus materiais, suas relações sociais, sua história, origem, período cronológico, material de fabrico, técnica, autoria, escola, estilo, movimento.

Após ser identificado e investigado individualmente, o objeto museológico passa a associar a uma determinada coleção, este deve ser ligada com o conjunto já formado e representativo, atendendo a finalidade específica a que se destina.

Uma coleção, seja pública e privada, pode ser definida como um conjunto de objetos materiais e imateriais que um indivíduo, ou uma instituição, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que é disponibilizada a um público relativamente vasto. (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013)

Para uma gestão de acervos funcional, é necessário realizar a documentação, a conservação e as pesquisas básicas e aplicadas, estabelecendo um controle integral do acervo museológico, bem como contribuir para a produção e difusão do conhecimento.

A documentação museológica é o registro de toda informação referente aos objetos do acervo e pode ser atingida de duas maneiras: a documentação do objeto e a documentação das práticas administrativas do museu. A documentação do objeto trata da reunião dos dados e do tratamento informacional retirado do objeto estudado enquanto a documentação das práticas administrativas considera toda documentação produzida pelo pesquisador para legitimar a linha de atuação do museu.

Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público. (NOVAES, 2000, p. 44 apud PADILHA, p. 35)

A falta de documentação no museu acaba prejudicando todo o trabalho, pois inutiliza os objetos, uma vez que não permite o acesso às informações nele contidas, reduzindo sua função social e cultural dentro da comunidade.

“O documento não é mais caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro, que garante tanto a permanência da informação no tempo como também sua portabilidade no espaço”. (MAST, 2008, p. 14)

O levantamento de dados é importante pois o registro das informações coletadas que levarão à preservação da memória. Isso pode ser sentido pela lei n. 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que estabelece o Estatuto dos Museus e declara como obrigação do museu proporcionar o programa de acervo dentro do seu Plano Museológico. Ainda prevê que os objetos museais são próprios de informações essenciais.

A instituição, portanto, deve conhecer o acervo que possui, não especificamente de forma quantitativa, mas a sua história, o seu argumento na sociedade e como ela começou a fazer parte do próprio museu. Da gestão de acervos, dependem outras atividades dos museus: a exposição, a arte-educação, conservação, etc.

Ferrez confirma a importância do tratamento das peças de cunho museológico, quando afirma que:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994, p. 65)

Para a organização de acervos museológicos devemos trazer a melhor configuração de tratamento de coleções, que muitas vezes não se restringem a peças padronizadas e uniformizadas, muito pelo contrário, existe uma diversidade de objetos quanto à tipologia, forma e suporte: peças tridimensionais, obras de arte, ampliam o conhecimento do que é acervo documental para além da escrita.

Le Coadic afirma que “a documentação adota técnicas não convencionais de organização e análise, não mais apenas de livros, mas de qualquer tipo de documento”. (LE COADIC, 2004, p. 15)

Para elucidar a questão da informação museológica, Aldo Barreto (1994), dialoga com vários autores da área da Ciência da Informação. O estudioso pondera que a informação em sua aparência fenomenológica se enquadra a um procedimento de comunicação, no que se refere a um emprego mediador no processo de aprendizado e até no foco social, ligado aos processos de comunicação.

Só assim torna-se possível a esperança do museu ser atingido como instituição comunicativa, fonte de pesquisa estética e científica, mediadora de conhecimento e do compartilhamento de informações.

A Comissão de Acervo irá manifestar a respeito dos objetos a serem ou não adquiridos pela instituição. É muito importante que o museu possua uma Comissão de Acervo, formada

por uma equipe com profissionais de diferentes áreas, que sejam experientes e que possuam competência para avaliar os diversos casos de aquisição e descarte que serão apresentados no museu.

Comissão de Acervo é um grupo estabelecido para a seleção do acervo a ser adquirido pelo museu. (CAMARGO MORO, 1986, p. 237 apud FREIRE, 2017)

Existem várias formas de entrada de objetos ou coleção nos museus, e em cada uma delas são exigidos documentos diferentes que comprovem a posse destes objetos, podendo inclusive adicionar cláusulas adequadas ao contrato estabelecido.

Neste caso dos objetos do Candomblé, eles entraram por meio da doação, que segundo Bottallo em Diretrizes em Documentação Museológica é definida como a transferência de propriedade sem encargos para a instituição. Esta transação deve ser efetuada por meio de contrato ou termo de doação e registrado em cartório, o que não aconteceu neste caso.

Nem sempre os museus conhecem com clareza a forma de entrada de alguns objetos de seu acervo. Nesse caso podemos identificar os objetos não reclamados e sem procedência. Além disso, há objetos não compatíveis com a coleção. Essas distorções podem ser corrigidas por meio de políticas internas ou portarias que objetivem regular tais circunstâncias. Políticas internas devem ser escritas e compartilhadas com todos os níveis hierárquicos da instituição. (BOTTALLO, 2010)

Assim, recomendamos uma regularização dos procedimentos de entrada por doação, para evitar problemas como os que este trabalho está se propondo a enfrentar, com a dificuldade da distância entre a entrada do objeto, sem informações, e o momento da tentativa de documentação.

Cabe registrar que o dossiê para submissão à Comissão de Acervo deveria ser elaborado quando da proposta de doação, antes do recebimento dos objetos fisicamente, e sem o compromisso do museu em aceitar a doação. No caso específico da Coleção de Objetos do Candomblé ainda não incorporados ao acervo do Museu Antropológico da UFG, já doados à instituição, sem registro e catalogação, não há mais sequer informações sobre a doadora, sabe-se apenas que foi uma francesa, na época da elaboração da exposição Lavras e Louvores, e que os objetos desde então não estão expostos, privando o público e os pesquisadores de sua apreciação.

Mesmo realizando a regularização da entrada (ou não) deste conjunto de objetos no Museu muito extemporaneamente, ficará registrado, por meio deste trabalho monográfico, uma experiência da boa prática que poderá ser adotada por Museus que ainda não possuem políticas de entrada, no momento em que aparecerem as propostas de doação.

Vale ressaltar que hoje o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, já possui rotinas administrativas para a entrada de novos objetos ou coleções em seu acervo, obedecendo aos critérios estabelecidos em seu Plano de Gestão e Regimento Interno, com reuniões periódicas da Comissão de Acervo, tendo inclusive o autor deste trabalho sido convidado, e participado, como ouvinte, de uma destas reuniões durante a confecção deste trabalho de pesquisa.

Por meio deste trabalho, a coleção de objetos do Candomblé desprovida de informações, localizada no do Museu Antropológico, passa a ter a possibilidade de vir a ser exposta, levando o público a conhecer uma parte da cultura local, que se torna mais um tópico de apreciação e informação.

Resumidamente, tratam-se de 23 objetos ritualísticos da religião afro-brasileira do Candomblé que não estão em situação adequada documentalmente e de apresentação ao público, e não foram formalmente incorporados ao acervo quando da doação, feita sem qualquer registro.

Nosso trabalho, realizado durante a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório e posteriormente complementado em regime de voluntariado, consistiu em, por meio de pesquisas, preencher o conjunto de instrumentos de registro que o Museu já possui, sendo usadas as fichas de identificação (anexos A e B), inventário (anexo E) e de dados etnográficos (Anexo C e D), para a construção do histórico de cada peça, compondo assim um dossiê de informações sobre estes objetos.

A preservação não é um fim em si mesma. Só preservamos para que as informações contidas nos bens culturais possam favorecer o Homem no resgate de sua identidade e de sua história, permitindo, assim, o exercício de sua cidadania. (MAST, 1995, p. 15)

O próximo capítulo apresentará como estudo de caso, o trabalho realizado com a Coleção de Objetos do Candomblé ainda não incorporados ao acervo do Museu Antropológico da UFG.

Capítulo 3

A coleção de objetos do Candomblé não incorporados ao acervo do Museu Antropológico da UFG

O dossiê para submissão à Comissão do Acervo de Candomblé do Museu Antropológico da UFG, além de catalogar e inventariar as peças, também poderá servir para criar mecanismos que auxiliem a gestão das coleções futuras de Museus que estão em situações similares. Assim, a elaboração do dossiê, com base nas referências sobre políticas de acervo que preveem desde a entrada das peças até seu descarte, transferência ou permuta, poderá registrar e difundir uma boa prática na área de gestão de acervos que consideramos ainda pouco incorporada ao trabalho cotidiano de alguns museus brasileiros.

Com este trabalho esperamos colaborar para o enriquecimento e ampliação do acervo exposto no Museu Antropológico da UFG, contribuindo para uma melhor representatividade da diversidade cultural brasileira. Por outro lado, mesmo que a Comissão de Acervo recuse a incorporação do conjunto de objetos, o trabalho contribuirá para a disseminação de boas práticas ligadas à gestão e política de acervos.

Um dos documentos para este trabalho é a política de acervos, instrumento de gestão que norteia e planifica as ações relacionadas ao tratamento das coleções, e garante a posse e a responsabilidade das instituições para com o patrimônio que salvaguarda.

Os museus devem acompanhar as transformações culturais e sociais, trabalhando em prol do desenvolvimento de seus acervos pela aquisição e realização de pesquisas que visem seu melhor aproveitamento em diversas atividades, tais como documentação, restauração e atividades educativas, e cujo acervo deve ser conservados em segurança e tratados com respeito, ética e com trato adequado.

O acervo caracterizado deve ser confirmado por meio da ação documental de registro e identificação etnográfica, arqueológica e museológica, uma vez que são objetos de natureza religiosa, indígena, popular e arqueológica, além de serem preservadas e integradas a espaços, mobiliários e enquanto documento museal, com significados e representação de um determinado grupo social.

O conjunto de instrumentos de registro, vai permitir o trabalho do museólogo e dos especialistas, etnólogo, antropólogo, conservador, arqueólogo, etc., por intermédio das anotações, dos registros e catalogação de dados a respeito do objeto para obter sua

identificação e caracterização física e social, gerando assim conhecimento a respeito do assunto.

O Museu Antropológico trabalha com a organização de um Dossiê para cada peça do acervo, onde estão concentrados todos os registros documentais, todas as fichas relativas às informações conseguidas sobre os objetos do acervo, em documentações, anteriores e de uso recente.

A composição do Dossiê, no caso do Museu Antropológico, deve incluir em uso corrente (TAVEIRA, 2011):

- Ficha de Identificação (anexos A e B) – Instrumento museográfico próprio para registro de dados informativos a respeito dos objetos do acervo.

- Ficha de Inventário (anexo E) – Instrumento de registro do objeto com dados básicos de caráter geral.

- Ficha de Conservação - Instrumento Etnográfico próprio para o registro de informações museográficas, dados inseridos: composição do material, técnica de confecção, tratamento preventivo e restauração.

- Ficha de Localização - Instrumento de localização do objeto em espaço do Museu Antropológico, ou fora dele, de acordo com seu deslocamento entre as atividades de armazenagem, estudo, empréstimo e exposições de longa duração, temporária ou itinerante.

- Ficha de Dados Etnográficos (anexos C e D) - Instrumento museológico para registro de dados etnográficos, estes dados provêm de pesquisas realizadas em campo ou mesmo bibliográficas.

- Ficha Iconográfica - Instrumento museográfico próprio para o registro iconográfico do objeto do acervo. Consta do registro, o desenho frontal e detalhes da forma, decoração e outros, importantes e necessários.

Os objetos a que se refere este estudo e se encontravam em caixa arquivo e foram provenientes de doação, segundo anotação encontrada em papel rascunho junto aos mesmos, com exceção para a Indumentária Oxum e Oxóssi, que foi encomendada e comprada pelo Museu. As informações coletadas nas pesquisas efetuadas durante o estágio, foram utilizadas para o preenchimento das fichas de identificação (anexos A e B), ficha de inventário (Anexo E) e ficha de dados etnográficos (Anexos C e D).



Foto 1- 18/05/2017 - Caixas com os objetos - Fonte: Autor

Durante as pesquisas não foram encontrados periódicos e artigos de autores conhecidos para retirada das informações, nem sites com referências bibliográficas, as informações foram colhidas em blogs de pessoas ligadas a religião do Candomblé. Outra dificuldade encontrada nestas buscas pelas informações sobre os objetos, é que os resultados obtidos sempre cruzavam com a da religião Umbanda e ainda que as mesmas possuam características distintas, elas guardam muitos elementos em comum, como o terreiro, os Orixás e as guias de contas, como exemplo.

A grafia das palavras usadas no Candomblé e também a acentuação possuem variações de uma publicação para outra.

A seguir estão as descrições dos objetos encontrados nas duas caixas com os objetos doados ao Museu:

Búzios – Foram encontradas 04 unidades, em tamanhos similares de 2 cm, embaladas separadamente em sacos plásticos transparentes, com um pequeno papel também amarelado pela passagem do tempo, informando ser búzios. Cada unidade recebeu um número de registro provisório.

Segundo a referência de Mundo das Magias ([201-]), trata-se de um Búzio Afro Kawri. O objeto é uma pequena concha de molusco, utilizado no jogo de búzios (Merindilogun) como oráculo para as consultas espirituais.



Foto 2- 18/05/2017 - Búzios - Fonte: Autor

No Candomblé, o jogo de búzios tem ligação com o Orixá Exu, Orixá da comunicação, pois ele é o único orixá que se comunica com os outros Orixás e com os humanos (DOSOGIYAN, 2017)

São usados para consultar o futuro, ou como adorno de roupas e também para confecção de algum fio de contas, as guias.

“O búzio tem uma abertura natural e uma parte ovalada, a maioria dos adornos e jogos de búzios são feitos com os búzios cortados, onde é tirada a parte ovalada” (ÔSÀÁLÁ, 2012)

Semente de Fava de Aridan ou Aridã – Dentre os objetos da Caixa, ensacado sem nenhuma anotação de identificação, estava este elemento. Pesquisando sobre os objetos utilizados na religião do Candomblé revelou-se se tratar da Fava de Aridã, um fruto sagrado para esta religião. É utilizada no processo de inicialização para combater feitiços e manter Yami (Mae feiticeira) longe dos objetos consagrados, afasta as Ajé (Poder feiticeiro) (SOUZA, [201-])

Segundo Planeta Vegetal *wordpress*, a fava consiste em um invólucro duro de coloração marrom que protege as sementes e são colhidas verdes e espera-se que amadureça e sequem para serem trituradas ou delas serem retiradas suas sementes. É um fruto sagrado “ewe orixá” e entra na maioria dos rituais do Candomblé, principalmente nos ritos de odu jé,

sasanha, abô e assentamento de orixá com Exu, Ogum, Obaluaye, Oxum, Xango e outros a depender do Oroaxé.



Foto 3- 18/05/2017 - Fava de Aridan - Fonte: Autor

No Candomblé a fava de aridan é obrigatória no ritual de qualquer iniciante. Seu uso é no sentido de proteção ao iniciado, quando misturado a outras ervas no preparo de um pó sagrado que também irá receber em cada fase com nome específico. Estes pós sagrados dentro da cultura religiosa servem para criar fechamento do corpo mediúnico colocando o necessário para seu estado de transe com seu Orixá (PLANETA VEGETAL, 2013)

Semente de Pimenta da Costa ou Ataré – Uma unidade acolhida em um saco plástico e sem identificação escrita, por associação com imagens observadas em *web sites*, foi notado que é uma semente de Pimenta da Costa, também chamada de Ataré.

As sementes são encontradas dentro do fruto e estão envolvidas por uma membrana bem fina, o fruto apresenta uma casca de coloração marrom. Além de propriedades medicinais o Ataré é utilizado em rituais de Candomblé. Seu uso acontece em cerimônias que fazem alusão ao orixá Exu. É utilizada com o significado de limpar o hálito e retirar todas as más intenções que as palavras podem conter. (QUIMICA CULT, 2012)



Foto 4 - 18/05/2017 - Semente de Ataré - Fonte: Autor

A fama desta semente vem da força que produz ao ser mastigada e também pelo fato de dar força à palavra da pessoa que a mastiga, aumentando o dom de profetização, de abençoar ou amaldiçoar, ou seja, tanto para coisas positivas quanto para negativas, tanto para o bem como para o mal. (BABALAWÔ, 2014)

“Esta semente também é usada extensivamente em etno medicina para uma variedade de doenças, possuem ativos para diversas atividades biológicas, especialmente contra inflamações e doenças infecciosas”. (QUIMICA CULT, 2002)



Foto 5 - 18/05/2017 - Benjoim - Fonte: Autor

Benjoim – Na caixa, este material estava em um saco plástico já amarelado pelo tempo, junto a uma anotação com a palavra benjoim. Encontra-se em grãos de tamanhos variados, com cerca de 20 gramas de peso no total. Por meio de pesquisa virtual e comparação com as imagens obtidas, por semelhança, foi confirmado que se tratava mesmo da resina Benjoim que é utilizada na fabricação de incenso e faz parte do ritual do Candomblé, sendo queimada no Turíbulo e seu uso tem a reputação de afastar as más influências com seu aroma.

Segundo Coisas de Terreiro [201-], trata-se de uma resina balsâmica, aromática, extraída do tronco de espécies *Styrax*, utilizada também em cosmética e em farmácia.

Mirra em pó – Cerca de 20 gramas de um pó de cor marrom claro encontrado em uma embalagem plástica e uma anotação em uma tira de papel dizendo tratar-se de Mirra.

Com os resultados da investigação na rede, por semelhança, concluímos tratar-se mesmo da Mirra em pó. ARTIGOS RELIGIOSOS [201] informa que Mirra é uma resina aromática de origem vegetal com poderes medicinais utilizada em banhos, defumadores e tratamentos espirituais como protetora e purificadora, também utilizada para consagrar os instrumentos mágicos. Faz descarrego forte afastando as energias negativas.



Foto 6 - 18/05/2016 - Mirra em pó - Fonte: Autor

Incenso em grãos – Pequenas pedras em tom avermelhado, dentro de um invólucro amarelado plástico, com um bilhete dizendo ser Incenso em grãos. Nas pesquisas, este material mostrou ser um tipo de Incenso e estão associadas ao Benjoin e a Mirra, todos usados para o mesmo fim.



Foto 7 - 18/05/2017 - Incenso em grãos - Fonte: Autor

Mundo Místico [201-] descreve que o Incenso é basicamente uma mistura de ervas, madeiras e resinas que podem ser queimadas lentamente sobre brasa quente para obtenção de um efeito fragrante, utilizado em algumas culturas desde a antiguidade para cerimônias e adoração. Este tem como objetivo, energizar e transmitir as energias dos ambientes e pessoas, são por excelência, purificadores e condutores de vibrações, atuando em locais e nos indivíduos onde são usados. Perfumam os ambientes e renovam as cargas energéticas estagnadas ou negativas.

Efun ou Pemba – Na caixa havia 4 unidades dos bastões, individualizados em sacos plásticos separados, cada unidade recebeu um número de registro provisório.

Das 4 unidades de Efun ou Pemba, apenas uma se encontrava inteira, as outras estão fracionadas.

A Pemba é um dos mais antigos talismãs. É com ela que as entidades riscam seus pontos e o ponto riscado é a identidade da entidade, funciona como elemento de magia e é muito importante nas conduções dos trabalhos. (ANGOLA,2013).

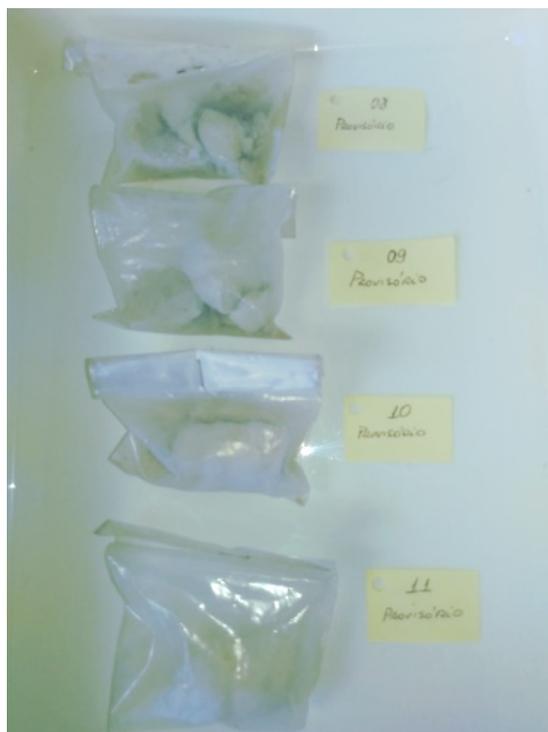


Foto 8 - 18/05/2017 - Efun - Fonte: Autor

A nomenclatura Efun é utilizada no Candomblé e Pemba na Umbanda. Trata-se de um giz de fabricação especial obtido por meio de rito ou cerimônia. Segundo Feraudy (2014), é uma espécie de argila usado pelo pai ou mãe de santo para riscar ou marcar os pontos, que são um conjunto de sinais mágicos que identificam cada entidade, segundo um código de cores. São, portanto, utilizados para traçar os pontos que servem de firmeza e captação de forças para os trabalhos.

O Efun é usado para pintar a cabeça raspada e o corpo dos iniciados, com círculos ou pontos (ou ambos) e com traços tribais. O Efun é na cor branca para a primeira saída do quarto (roncô) onde ficam recolhidos os iniciados (Iaô), e na cor preferida do seu Orixá a partir da segunda saída. Cada pessoa é filha de um determinado Orixá que é revelado através do jogo de búzios. A pintura é removida com um banho de ervas sagradas depois de cumpridos os rituais de dança. (CANDOMBLÉ, 2017)

Guia de Contas – Nas caixas, foram encontradas 4 guias com elementos diferentes em seu tamanho e cor, cada uma recebeu uma numeração provisória, elas se encontravam separadas, cada uma em embalagem plástica transparente, com um registro em pequeno papel dizendo tratar-se de Guia de Contas, sem vincular a um Orixá ou ritual.

De acordo com Umbanda (2014), estas guias são colares normalmente feitos de miçangas coloridas de acordo com o Orixá, cada fio de conta tem um significado. É pelo fio de conta que se pode saber o grau de iniciação de uma pessoa no Candomblé e a que nação pertence. Os colares de conta aparecem como objetos de identificação dos fiéis aos Deuses e o seu recebimento, como momento importante nessa vinculação. De acordo com o mito, a montagem, a lavagem e a entrega dos fios de contas constituem momentos fundamentais no ritual de iniciação dos filhos de santos, os quais, daí em diante, além de unidos, estão protegidos pelos Orixás.

Segundo o Babá Làalu (2014) estes adereços são confeccionados de contas de diferentes materiais e cores, estes fios representam uma grande diversidade e podem ser agrupados por tipologias de acordo com os usos e significados que tem no culto. Acompanham e marcam a vida espiritual do fiel, desde os primeiros instantes da sua iniciação até as suas cerimônias fúnebres. Fios de Contas conhecidos também como “cordão de Santo”, “colar de Santo” ou “guias”, são ritualisticamente preparados, imantados de acordo com a tônica vibracional de quem as utilizará, e conforme o objetivo a que se destinará.

São compostos de certo número de elementos, contas de cristal ou louça, búzios, lágrimas de Nossa Senhora, dentes, palha da costa, etc., distribuídos em um fio, de aço, náilon ou fibra vegetal, obedecendo a uma numerologia e uma cromologia adequada, ou ainda de acordo com uma determinação de uma entidade em particular. Tem poder de elevação mental, durante um trabalho espiritual, possui a função de servir como ponto de atração e identificação da vibração principal. Serve como elemento facilitador da sintonia para o adepto, atraindo a energia particular de cada entidade, captando e emitindo bons fluidos, formando um círculo de vibrações benéficas ao redor das pessoas que os usam. Se há uma carga grande, ao invés de chegar diretamente na pessoa, ela é descarregada nas guias, que podem até arrebentar. (CANDOMBLÉ DA BAHIA, 2012)

As guias de louça lembram, por sua composição, a mistura de água e barro, material usado para criar o mundo e os homens, por isso são as mais usadas nos terreiros, têm poder de elevação mental. Se utilizadas durante um trabalho espiritual, têm função de servir como ponto de atração e identificação da vibração principal ou falange em particular atuante naquele trabalho, servindo como elemento facilitador da sintonia para o babalorixá. Elas auxiliam em seu estado de transe, pois estas atraem a energia particular de cada pessoa, captando e emitindo bons fluidos, formando assim, um círculo de vibrações benéficas ao redor de quem as usa.

Descrição das Guias encontradas no grupo:

1 - Guia de contas médias brancas com riscos azuis. “Guia de contas da Orixá Nanã”. (CANDOMBLÉ, 2017)



Foto 9 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte: Autor

2 - Guias de contas pequenas brancas (4) intercaladas com contas pretas (3). Conta de Omulu. (UMBARÁ, 2009). Cordão de Santo também usado na religião Umbanda com estas mesmas cores para o Orixá Ubaluaiê. (OGUM, 2014)



Foto 10 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte: Autor

3 - Guia de contas amarelas bem pequenas com riscas pretas e um búzio no meio do colar. “Conta de Oxum” (CANDOMBLÉ, 2017)



Foto 11 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte: Autor

4 - Guia de contas com sementes de lágrimas de Nossa Senhora. Nas pesquisas esta Guia foi identificada com usado na Religião da Umbanda. (UMBANDA, 2014)

“Pertencente a linha do Preto Velho e são confeccionadas de acordo com a vontade e determinação da Entidade, e na maioria das vezes tem a aparência de um terço para orações”. (UMBANDA, 2014)



Foto 12 - 18/05/2017 - Guia de Contas - Fonte: Autor

Turíbulo – Também conhecido como incensário. Este objeto estava na caixa, dentro de um saco plástico transparente como uma pequena anotação escrito Turíbulo, objeto confirmado através das pesquisas. É um Recipiente tipo vaso metálico, confeccionado em alumínio, fechado com fundo perfurado suspenso por correntes, transportado em cerimônias litúrgicas de várias religiões, que se destina a levar as brasas onde se deita o incenso para defumar substancias aromáticas – é utilizado para colocar ervas ou incenso sobre carvão em brasa para fazer defumação de ambientes e pessoas. Utilizado em rituais de consagração, é o objeto onde queima o incenso com a simbologia de que nossas orações ou preces subam aos céus, assim como a fumaça, bem como para honrar o altar, as relíquias, os objetos sagrados, os “sacerdotes” e os próprios fiéis. Serve também para neutralizar odores e afugentar cargas negativas, bem como render culto à divindade. (GRUPO DOS ACÓLITOS,2010)



Foto 13 - 18/05/2017 - Turíbulo - Fonte: Autor

Carvão de defumação – Este material também estava em uma das caixas, envolto em um saco plástico verde, sem identificação. Resultado da queima da madeira. Ele é usado no defumador, o Turíbulo ou incensário, e é utilizado para limpeza astral de ambientes e pessoas e deve ser feito com o carvão em brasas e ervas secas ou incenso deitadas sobre ele. O carvão também tem a finalidade de atrair as vibrações negativas enquanto as ervas atraíam as vibrações positivas. (CAZUA DO C.H.A., 2012)



Foto 14 - 18/05/2017 - Carvão - Fonte: Autor

Cabaça (Igbá) – É um pequeno fruto da cabaceira envolto em um cordão de algodão branco em sua volta, acondicionado em saco plástico, sem anotações. Nos ritos do Candomblé, sua utilização é ampla, tomando nomes diferentes de acordo com o seu uso, ou pela forma como é cortada, a inteira é chamada de Àkèrèchè. Os iorubas, como todos os outros povos, utilizam as igbás como vasilhas para uso doméstico e ritualístico. Uma cabaça com pescoço comprido em forma de chocalho é agitada com as sementes, fazendo o som de Séré, forma reduzida de Sèkèrè, instrumento por excelência de Sàngo (Xangô). (OMIDEWA, 2013)



Foto 15 - 18/05/2017 - Cabaça - Fonte: Autor

Alguidar, alguidá, ou agdá – Este objeto estava na caixa embrulhado em um papel amassado, e uma anotação em pequeno bilhete escrito Alguidar. É um vaso circular feito de barro (argila), cuja borda tem diâmetro muito maior que o fundo. Utilizado nos rituais das religiões afro-brasileiras para fazer assentamentos “Igbá orixá” ou oferendas dentro do terreiro aos Orixás e Exús. (KETU, 2012)



Foto 16 - 18/05/2017 - Alguidar - Fonte: Autor

O alguidar ou Oberó simboliza a terra, antigamente as oferendas eram feitas, ou arriadas, diretamente na terra, mas com a evolução das construções nas cidades, os terrenos estão urbanizados com calçadas e quintais cimentados e com isso o alguidar é utilizado como símbolo da terra, ou seja, a ligação da oferenda com a terra. (KETU, 2012)

Quartilho ou Quartinha –Uma unidade encontrava-se na caixa fazendo parte do conjunto e uma anotação dizendo ser ânfora. No Candomblé são chamadas de quartinha ou quartilho. São vasos antigos de origem grega de forma geralmente ovoide e pode possuir duas alças, confeccionadas em barro (argila) ou terracota, com duas asas simétricas, geralmente terminada em um pé estreito. “ Pode ser Quartinha se for pequena, talha se for média e Quartilho se for Grande”. (IEMANJÁ,2014)



Foto 17 - 18/05/2017 - Quartilho - Fonte: Autor

Os objetos que compõem os assentamentos variam de acordo com as tradições e preferências de cada Orixá, tomando a tradição queto-nagô como referência, os assentamentos são compostos de um Alguidar, dentro do qual são colocados o Otá (pedra de Orixá) ao centro, e as insígnias dos Orixás ao redor desta. É comum que estes alguidares sejam colocados sobre a boca de um jarro grande em forma de ânfora, lembrando o conjunto, a cabeça e tronco, respectivamente de um corpo humano.

Segundo a Mãe de Santo Solange de Iemanjá, nos cultos de Candomblé e ritos de Umbanda, o quartilho ou quartinha é utilizada para guardar assentamentos diversos e armazenar as amancins (Banhos feitos de sumo de ervas). Existem ânforas com ou sem asas, e muitos terreiros utilizam esta diferença para qualifica-los como machos, sem asas, e fêmeas, com asas, onde de acordo com o Orixá que será assentado ou amaná que será armazenado, serão escolhidos. Dentro da Geometria dos Orixás, estes são consagrados à Oxum, emanando simplesmente pelo seu formato o amor fraterno. Ela também representa a respiração da força sobrenatural, quando necessita dessa respiração, há o ciclo da evaporação da água através dos poros do barro.

Semente Fava de Oxum – Conforme o texto do Pai de Santo Tandy Ebomi, as favas fazem parte dos frutos que compõem as oferendas rituais. Elas simbolizam o Sol mineral, o embrião, evocam o enxofre aprisionado na matéria. Às favas representam os filhos, homens

esperados, a fava era usada no culto dos mortos por acreditar-se que continha a alma dos mortos. As favas na qualidade de símbolos dos mortos e de sua prosperidade, pertencem ao grupo de Deuses protetores. No sacrifício que se costumava realizar na primavera, elas representavam a primeira dádiva vinda de baixo da terra, a primeira oferenda dos mortos aos vivos, o signo da fecundidade, ou seja, de sua encarnação.

“As favas são primícias da terra, o símbolo de todas as benfeitorias provenientes dos Deuses que habitam debaixo da terra. A fava representa e confirma a ancestralidade dos Deuses”. (EBOMI, [201-])



Foto 18 - 18/05/2017 - Fava de Oxum - Fonte: Autor

Os três objetos a seguir, já fazem parte da exposição de longa duração do Museu Antropológico da UFG, Lavras e Louvores, e se encontram expostos para visitação do público, mas tiveram as fichas museológicas preenchidas durante o trabalho de estágio. Embora não façam parte do conjunto encontrado na caixa, tendo sido comprados para compor a exposição, também não foram formalmente incorporados ao acervo do Museu e deverão, ao término da exposição, serem igualmente submetidos à Comissão de Acervo para esta decisão.

Iconografia de Yemanjá – Este é um dos objetos expostos em Lavras e Louvores do Museu Antropológico. Esta imagem pertence a religião da Umbanda por estar caracterizada com a pele na cor branca, no Candomblé todas as imagens dos Orixás são representadas com a pele negra.

Artefato de cultura popular cujo elemento usado na fabricação é o gesso policromado. Apresenta um vestido pintado na cor azul claro com detalhes dourados e bolinhas peroladas, carrega bolas nas mãos e sustenta na cabeça uma coroa de bolas peroladas e uma estrela, toda a escultura fixa em um pedestal oval.



Foto 19 - 18/05/2017 – Yemanjá na Exposição Lavras e Louvores - Fonte: Autor

Yemanjá, no Candomblé, é a Orixá que personifica a força da natureza ligada às águas, rainha de todos os mares e todos os oceanos. As pesquisas revelam que as imagens de Yemanjá receberam uma mão de tinta branca e um vestido azul claro para se parecer com a santa católica Nossa Senhora da Conceição, e sobreviver à perseguição que existia contra os negros e as suas crenças. Yemanjá é considerada deusa de todas as águas do mundo, sejam elas de rios ou de mares. É também responsável pelos bens materiais (ARRUDA, [201-]). É a mãe de todos os orixás e é representada com seios volumosos, simbolizando a maternidade e a fecundidade. Tem como símbolo o leque (Abêbê) e a espada e mostra-se como ser que vive no fundo dos mares e, para comunicar-se com os seres humanos, aparece como desaparece em figura de mulher e é tida como uma sereia do mar, a mãe sereia, a Uyara brasileira, mora nas águas e na terra, e como mãe das águas é conhecida e chamada. O seu nome deriva da expressão Yéyé Omó Ejá. (CANDOMBLÉ, 2017)

Yemanjá gosta muito de flores e é costume no Brasil oferecer rosas brancas, sem espinhos, que devem ser lançadas ao mar, como forma de agradecimento.

Iconografia de Oxóssi – “Oxòsse” – Também um objeto que se encontra exposto na exposição Lavras e Louvores. Na sua base, percebe-se que recebeu uma numeração, 2006.03.04 no acervo exposto. Foi fabricado em resina com policromia. Apresenta com uma roupa pintada na cor amarelo esverdeado, no tórax apresenta a roupa com pintura na cor marrom e detalhes dourados nas pontas, uma calça branca com fitas douradas ao final das pernas. Possui um Chapéu também na cor marrom, amarrado ao pescoço. Com um arco (Ofã) e flecha (Damatá) em uma mão um rabo de cavalo na outra, pulseiras douradas em cada punho, tudo em um suporte quadrado. (CANDOMBLÉ, 2017)

“Oxóssi representa o domínio da cultura (entendendo a flecha como utensílio cultural, visto que adquire significado social, mágico e religioso) sobre a natureza”. (CANDOMBLÉ, 2017)



Foto 20 - 18/05/2017 – Oxossi na exposição Lavras e Louvores - Fonte: Autor

Oxóssi está ligado a tudo que é natural, inclusive dons como a dança, o canto e as artes plásticas. Viver em harmonia com esse Orixá é esperar sempre o positivo. É um Deus caçador. É o grande patrono do Candomblé brasileiro. Senhor da floresta e de todos os seres que nela habitam, orixá da fartura e da riqueza. Atualmente o culto a Oxóssi está praticamente esquecida na África, mas é bastante difundido no Brasil, em Cuba e outros países Sul americanos onde a cultura Iorubá prevaleceu. A Óxossi são conferidos os títulos de Alakétu, Rei, Senhor de Ketu e Onílé, o dono da terra, pois na África cabe ao caçador descobrir qual local ideal para instalar uma aldeia, tornando-se assim o primeiro ocupante do lugar, com

autoridade sobre os futuros habitantes. É chamado de Olúaiyé ou Oni Aráaiyé, senhor da humanidade, que garante a fartura para os seus descendentes. (CANDOMBLÉ, 2017)

A caça e a coleta de folhas são formas primitivas da busca de alimentos, são os domínios de Oxóssi, Orixá que representa aquilo que há de mais antigo na existência humana, a luta pela sobrevivência. Não aceita a caça predatória, só para alimentação. Vai em busca da caça para alimentar a tribo. Oxóssi é o orixá da fartura, aquele que aprende a dominar os perigos da mata. Muito ligado a natureza, enaltece tudo que ela nos proporciona e sabe usá-la conforme a necessidade. Astúcia, inteligência e cautela são atributos de Oxóssi, pois esse Orixá caçador possui uma única flecha, portanto não pode errar a presa e realmente ele jamais erra. Oxóssi é o melhor naquilo que faz, está permanentemente em busca da perfeição. (CANDOMBLÉ, 2017)

Indumentária Oxum – Terceiro objeto integrante da exposição Lavras e Louvores do Museu Antropológico, já foi estudado pelo trabalho monográfico de Bárbara Freire Rocha (2015). Objeto encomendado e adquirido através de compra pelo Museu em 2004. Confeccionado em tamanho natural, em um total de 13 peças montado sobre um manequim de material plástico revestido com manta acrílica formando o objeto. Indumentária representativa da Orixá Oxum. Confeccionado em tecidos e outros materiais, na cor amarela e com motivos de flores na cor dourado. Na composição da Indumentária estão uma blusa com detalhes bordados nas mangas, 02 faixas em tecido acolchoado formando laços na frente do corpo na altura do busto e costas do corpo na altura da cabeça (Ojá), possui sobreposições de cinco saias em diversos tecidos e materiais, uma calçola, um objeto similar a coroa (Adê), um objeto similar a um espelho de mão (abché) colares e pulseiras (axés). (ROCHA, 2015)



Foto 21 - 18/05/2017 - Indumentária Oxum na exposição Lavras e Louvores- Fonte: Autor

“Generosa e digna, Oxum é a rainha de todos os rios e cachoeiras. Vaidosa, é a mais importante entre a mulheres da cidade, a Ialodê. É a dona da fecundidade das mulheres, e dona do grande poder feminino”. (CAMDOBLÉ, 2017)

Oxum mulher cuidadosa e mãe de todas as crianças, que para ela, são filhos perfeitos. Amamenta e protege do ventre até que se tornem independentes.

O vestuário e os adornos dos orixás referenciam a história de cada divindade, e o segredo de seu uso é guardado para poucos. Sobrevive como símbolo da cultura da religião e da resistência do povo negro no país. Os “axôs” dão para as mulheres posição e postura, reverenciam e expressam na sua aparência e jeito, e respeito acima de tudo. (CARVALHO, 2016, p. 149)

As roupas estão entre as representações mais popularmente conhecidas quando se fala em culto afro-religioso do Candomblé, e até hoje continua a vestir e enfeitar os filhos e filhas de santo. Os trajes utilizados nas cerimônias e atividades cotidianas, são percebidas e é também, um acervo museológico pois a indumentária afro-religiosa é um elemento da cultura afro-brasileira que carrega uma força de identidade, expressão e valor, carregada de significados e simbolismo. (CARVALHO, 2016)

A arte religiosa afro-brasileira resulta da miscigenação das culturas negra, ameríndia e europeia, através dos séculos. Diversas representações artísticas das divindades afro-brasileiras continuam a ser produzidas mesmos nos dias atuais com inúmeras imagens, através de desenhos, objetos rituais, indumentária e esculturas, os quais são fontes de pesquisa artística e etnográfica. As roupas de santo estão presentes na cultura afro-brasileira de uma maneira muito peculiar, principalmente no contexto religioso. Os orixás ocupam lugar de destaque na cultura religiosa popular e são temas também para manifestações artísticas intensas e ricas, construídas através do tempo desde a diáspora africana que carrega também a influência da iconografia católica, como vimos no orixá Iemanjá, descrita no texto acima, orixá que ocupa lugar de destaque no imaginário popular. A representação dos orixás tanto do Candomblé como da Umbanda tem sua imagem apropriada por diversos artistas brasileiros como por exemplo nas obras de Carybé².

² Carybé é um renomado artista plástico do século XX que teve sua obra marcada por manifestações culturais baianas como o candomblé, a capoeira e o samba de roda.

Considerações finais

Ao finalizar esta pesquisa, ainda restam dúvidas sobre a incorporação destes objetos ao acervo do Museu, e pensamos que necessitem ser analisados pela Comissão individualmente e não em conjunto, devido à diversidade de elementos encontrados nas caixas para exame.

O Candomblé é uma religião transmitida oralmente, seus preceitos não estão regulamentados em livros, os fundamentos da religião do Candomblé são passados de pai para filho e as histórias dos Orixás são compartilhados aos integrantes da religião por meio de histórias apresentadas como lendas contadas a partir das narrativas dos adeptos da religião. Toda literatura sagrada do Candomblé tem que ser memorizada entre seus integrantes. O Candomblé é um legado deixado de uma geração a outra sem escrituras.

Existe também a diversidade entre os povos africanos que foram trazidos como escravos para o Brasil, o resultado é uma mistura de rituais e danças inclusive com nomes e manifestações distintas, dependendo de que região proveniente da África foram trazidos, e estes povos trouxeram várias maneiras de cultuar, que tomaram diversas formas aqui no país, inclusive com a mistura de religiões como exemplo a Umbanda que é uma mistura do Candomblé africano com o espiritismo.

Segundo as análises da simbologia destes objetos dentro dos cultos religiosos afro-brasileiros percebemos que por se tratar de uma religião baseada nos elementos da natureza, alguns destes objetos que foram doados ao Museu Antropológico são facilmente encontradas no reino animal, vegetal e mineral, como os búzios, as sementes e as favas. Por meio da consagração na religião, eles se tornam sementes de Ataré, fava de Aridan e a fava de Oxum.

Por falta de conhecimento da história deste conjunto doado, dentro do Museu, não sabemos se os mesmos pertenciam a algum terreiro, se já tiveram a participação em rituais ou cultos, se estão sagrados tendo pertencido a algum assentamento de Orixá, não sabemos se carregam a tradição de terem sido manuseados por um Pai ou Mãe de Santo, ou se houve alguma manifestação de Orixá presentes no mesmo ambiente que estes objetos estiveram, que festividade ou cerimônia participaram. Em virtude de sua abundância na natureza, indagamos: será que não podiam ser descartados? inclusive por serem perecíveis, no caso das sementes.

Com as informações sobre estes objetos recolhidas nas consultas na rede de *internet*, fica frágil a afirmação que devam ser musealizados por serem o que são, elementos

da natureza antes de serem sagrados para a religião. Não temos a possibilidade de saber se estes objetos estiveram presentes no Candomblé, pois não se tem conhecimento de sua procedência, da sua história antes da doação ao Museu Antropológico, se estes objetos receberam energias superiores pelos rituais de que participaram, e alguns desses objetos, como, por exemplo, as sementes que foram pesquisadas no trabalho, precisam ser transformadas e misturadas a líquidos para serem bebidas ou usadas em imersões nos rituais.

Faz parte dos princípios do Candomblé o respeito à natureza, vista como sagrada. Não só uma semente ou uma planta, mas sim toda a natureza, em que estão depositados uma infinidade de componentes da flora e fauna, de onde os Orixás retiram suas energias para compartilhar com seus seguidores. A natureza é parte primordial na constituição da vida das comunidades e da religiosidade do Candomblé.

Os três tipos de incenso que estão entre os objetos, incenso em grãos, benjoim e mirra em pó, provavelmente não participaram de nenhuma festa ou prática ritualística em um terreiro ou barracão, pois necessitam ser queimados no carvão, e se tivessem participados de alguma cerimônia, teriam restado apenas cinzas destas substâncias. Portanto, estes objetos podem ser exibidos apenas como signos a serem identificados como semelhantes aos que são usados para a preparação dos chás, banhos, alimentos, no caso das sementes presentes no conjunto.

O objeto carvão de defumação, acreditamos não ter motivo de permanecer como acervo do Museu Antropológico, pois como não foi utilizado ritualmente, não tem valor cultural. Em caso de necessidade para complementar uma exposição, o Museu pode adquirir e descartar posteriormente.

Os búzios presentes na coleção não sabemos se fizeram parte de um rito de leitura por um Pai ou Mãe de Santo em um terreiro, devem continuar como acervo?

O alguidar, o quartilho, o turíbulo, a cabaça, as guias de contas, usados para compor pejis, assentamentos e colocar as oferendas, acreditamos que podem entrar no acervo, mesmo sem termos o conhecimento de sua história, para que muitas pessoas possam identificar estes objetos também pelos seus usos de natureza religiosa. Podem ser úteis como símbolo representativo de uma amostra dos objetos que fazem parte dos rituais da religião afro-brasileira do Candomblé, uma religião cheia de fábulas divertidas, românticas e harmônicas, um respeito considerável para com a natureza e o meio ambiente inclusive colaborando com a preservação de áreas naturais, que para eles são espaços sagrados.

De qualquer forma, se a incorporação destes objetos, individualmente ou não, for aprovada pela Comissão de Acervo e fazendo a religiosidade afro-brasileira e o Candomblé

ganhar maior representatividade no cenário do Museu Antropológico, será muito gratificante. Mas se a Comissão achar por bem descartar os objetos sem incorporá-los, cumpriu-se o objetivo deste trabalho de pesquisa que é reavaliar os procedimentos para recebimento de objetos doados e destacar a presença deste conjunto das religiões do Candomblé e Umbanda esquecidos no Museu, colocando-os em evidência por um momento, proporcionando uma destinação definitiva aos mesmos.

Elaborar este dossiê para submissão da coleção de objetos do Candomblé e da Umbanda à Comissão de Acervo do Museu Antropológico foi muito importante para a nossa vida acadêmica. Este longo percurso transcorrido na confecção deste trabalho de pesquisa, e a oportunidade de poder conhecer e aprofundar os conhecimentos em uma cultura tão rica, interessante e cheia de criatividade e sabedoria, nos trouxeram satisfação mesmo que a coleção ou parte dela não venha a fazer parte do acervo do Museu Antropológico da UFG.

Como afirmamos no capítulo 3, a composição do Dossiê de documentação do acervo no Museu Antropológico inclui diferentes fichas: Ficha de Identificação (anexos A e B), Ficha de Inventário (anexo E), Ficha de Conservação, Ficha de Localização, Ficha de Dados Etnográficos (Anexos C e D) e Ficha Iconográfica. Em nosso estágio fomos orientados a preencher as Fichas: de Identificação (anexos A e B), de Inventário (Anexo E) e de dados Etnográficos (anexo C e D) que poderão seguir junto com os objetos para análise na reunião da Comissão de Acervo. Nossa recomendação, a partir das reflexões feitas ao longo deste trabalho, é que a equipe do Museu possa preparar fichas provisórias se possível, também de conservação, e a iconográfica (exceto a de localização, própria de objetos que já foram incorporados ao Museu), mas que elas tenham uma numeração provisória, que seja substituída pela definitiva somente se a Comissão de Acervo decidir pelo ingresso dos objetos no acervo da instituição.

Referências bibliográficas:

ABEL, Claudio. **Planeta Vegetal: A fava de Aridan**.2013. Disponível em: <<https://planetavegetal.wordpress.com>>. Acesso em: 11 maio 2017.

AMARAL, Ana Maria. Objetos rituais no candomblé da Bahia. **Sala Preta**, [S.l.], v. 1, p.191-195, 28 set. 2001. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBIUSP. <<http://dx.doi.org>>. Acesso em: 08 maio 2017.

ANGOLA, Lourdes. **Nação Angola: A Pemba**. 2013. Disponível em: <lourdesangola.blogspot.com.br>. Acesso em: 08 maio 2017.

ARAGÃO, Gilbraz. **Festa do Morro**. 2012. Disponível em: <<http://estudosdereligiao.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 maio 2017.

ARRUDA, Vasco. **Sincronicidade: Maria e Iemanjá**. [201-]. Disponível em: <blog.opovo.com.br>. Acesso em: 18 maio 2017.

ARTIGOS RELIGIOSOS. **Incenso Mirra**. [201-]. Disponível em: <www.artigosreligiososemgeral.com.br>. Acesso em: 08 maio 2017.

BABALAWÔ, Bruno. **A semente sagrada: A importância do Ataré**. 2014. Disponível em: <<https://saravaorixas.wordpress.com>>. Acesso em: 11 maio 2017.

BARBUY, Heloisa. **Manual para preenchimento da ficha de objetos**. Ed. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1994.15 p.

BARRETO, Aldo de. **A questão da informação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo: Revista Fundação SEADE, v.8, n.4, p.3-8, out.-dez.1994

BOTTALLO, Marilúcia. **Diretrizes em Documentação Museológica**. In: Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo: Governo de São Paulo; ACAM Portinari, 2010. p.48-79.

BRASIL. Lei nº 11904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui O Estatuto de Museus e Dá Outras Providências**.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia: Algumas ideias para a sua organização disciplinar**. In.: Cadernos de Sociomuseologia. n.9. Universidade Lusófona Humanidade e Tecnologia, Lisboa, 1996.

CAMPOLIM, Sílvia. O Candomblé no Brasil: Orixás, tradições, festas e costumes. **Superinteressante: Axé Brasil - Saiba o que é, de onde veio e como Funciona o Candomblé**, [S.l.], n. 88, p.10-18, jan. 1995. Mensal. Disponível em: <super.abril.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.

- CANDOMBLÉ DA BAHIA. **História, Arte, Lendas, Músicas, Comportamento, Dicas Literárias e Tradição:** Guias/Fio de contas. 2012. Disponível em: <candombledabahia.wordpress.com>. Acesso em: 11 maio 2017.
- CANDOMBLÉ. **O Mundo dos Orixás:** Orixás. 2017. Disponível em: <https://ocandomble.com>. Acesso em: 18 maio 2017.
- CARVALHO, Daiane Silva; SANTOS, Daisy Conceição (Org.). **ROUPAS DE AXÉ:** discursos contemporâneos sobre acervos museológicos - o caso do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal de Goiás (Mafro/UFBA) e do Museu da Abolição do Instituto Brasileiro de Museus (MAB/Ibram/MinC). In: TEIXEIRA, Sidélia S. (Org.). **Patrimônio e Museus:** na contemporaneidade. Salvador: Edufba, 2016. p. 147-166.
- CAZUA DO C.H.A. **CARIDADE - HUMILDADE - AMOR. Elementos presentes no ritual da Umbanda.** 2012. Disponível em: <cazuadocha.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- COISAS DE TERREIRO. **BENJOIM.** [201-]. Disponível em: <coisasdeterreiro.com.br>. Acesso em: 08 maio 2017.
- CULTURA DO UNIVERSO DA QUÍMICA. **Ataré: que pimenta é essa?** 2012. Disponível em: <quimicacult.blogspot.com.br>. Acesso em: 11 maio 2017.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.
- DICIONÁRIO INFORMAL. **Turíbulo.** [201-]. Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 11 maio 2017.
- D'OSOGIYAN, Fernando. **Candomblé - O mundo dos Orixás:** O jogo de Búzios. 2017. Disponível em: <https://ocandomble.com>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Imagens de Vida, Trabalho e Arte um estudo de caso de documentação museológica:** a coleção de imaginária do museu Dom José (Sobral-Ceará-Brasil). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - **Centro de Estudos de Sociomuseologia**, 1998. (**Cadernos de Sociomuseologia, 12**)
- EBOMI, Pai Tandy. **As favas oferecidas aos Orixás:** Favas. [201-]. Disponível em: <http://www.paitandy.com.br>. Acesso em: 08 nov. 2017.
- FABBRI, Angélica. **Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: diretrizes:** Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. Brodowisk - São Paulo: Secretaria de Cultura São Paulo, 2010. 114 p.
- FERAUDY, Roger. **Espiritualizando:** O que é Pemba e para que serve? 2014. Disponível em: <alma-espiritualizando.blogspot.com.br>. Acesso em: 08 maio 2017.

- FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. In: **Estudos de Museologia**. Caderno de Ensaios, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, pp.65 -74.
- GRUPO DOS ACÓLITOS. **Turíbulo**. [2010]. Disponível em: <acolitospsssv.blogspot.com.br>. Acesso em: 11 maio 2017.
- HUNSO, Sueli. **A Tradicional Religião Africana**. 2009. Disponível em: <vodunabeyemanja.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- IEMANJÁ, Solange de. **Porrão/Quartilhão/Quartilha**. 2014. Disponível em: <http://www.tucal.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- KETU, Edson. **Simbologia do Alguidar ou Oberó**. 2012. Disponível em: <edsonketu.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. Ed. Tradução: Maria Yêda F. S. Figueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p. Tradução de: La Science de l'information.
- LILA, Maria. **Mistérios e Curiosidades da Religião Afro: Quartinhas de Barro**. 2012. Disponível em: <mariabessem.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). **Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. 235 p. (Mast Colloquia, v. 10)
- MELO Emerson. **Da Natureza afro-religiosa: a (re) significação espacial dos terreiros de candomblé em São Paulo**. São Paulo: Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Puc-SP, 2007.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 18 maio 2017.
- MUNDO DAS MAGIAS (Bahia). **A magia sem mentiras: Búzios**. [201-]. Disponível em: <www.mundodasmagias.com>. Acesso em: 04 nov. 2017.
- MUNDO MÍSTICO. **Bazar Esotérico: Incensos e Resinas**. [201-]. Disponível em: <www.mundomistico.pt>. Acesso em: 08 maio 2017.
- OGUM, Carlos de. **Luz de Umbanda: As guias de contas da Umbanda**. 2014. Disponível em: <http://umbandayorima.blogspot.com.br>. Acesso em: 06 nov. 2017.
- OMIDEWA, Lucia. **Centro de Cultura Afrobrasileira: IGBÁ – A utilização da Cabaça Ritualística**. 2013. Disponível em: <http://omidewa.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- ORIXÁS UMBANDA E CANDOMBLÉ. **As roupas de Candomblé**. 2011. Disponível em: <www.orixas.blogspot.com.br>. Acesso em: 19 maio 2017.

- ÒSÀÁLÁ, Elias. **Sob o manto de Oxalá: Jogo de Búzios**. 2012. Disponível em: <www.mantodeoxala.blogspot.com.br>. Acesso em: 08 maio 2017.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico-prática**. 17. ed. Campinas: Papiros, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. 2. ed. Florianópolis: Fcc Edições, 2014. 71 p.
- PINHO, Elsa Garretti; FREITAS, Inês da Cunha. **Normas de Gerais - Normas de Inventário: Artes plásticas e artes decorativas**. 2. ed. [S.l.]: Instituto Português de Museus, 2000. 99 p.
- PLANETA VEGETAL. **A fava de Aridan**. 2013. Disponível em: <<https://planetavegetal.wordpress.com>>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- QUIMICA CULT (Minas Gerais). Universidade Federal de Uberlândia. **Pimenta: Ataré: Que Pimenta é essa?** 2012. Disponível em: <quimicacult.blogspot.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- ROCHA, Bárbara Freire Ribeiro. **Catálogo Analítico para um Objeto Museológico: A Oxum da Exposição Lavras e Louvores, Museu Antropológico da UFG**. 2015. 128 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- SOUZA, Nelson. **Apetrechos Ritualísticos: Fava de Aridan**. [201-]. Disponível em: <blog.ori.net.br>. Acesso em: 11 maio 2017.
- TAVEIRA, Professora Edna Luísa de Melo et al. **Relatório das atividades de estudo, análise e reorganização do sistema documental em uso na Seção de Curadoria e Documentação e, na Seção de Preservação, Conservação e Restauro da Divisão de Museologia do Museu Antropológico da UFG**. Goiânia: Ufg, 2002. 107 p.’
- TEMPLO UNIVERSALISTA CAMINHO DA LUZ. **Porrão/Quartilho/Quartinha**. 2014. Disponível em: <www.tucal.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.
- UMBANDA E CANDOMBLÉ. **Incensos, propriedades e rituais**. [201-]. Disponível em: <umbanda-e-candomble.webnode.com>. Acesso em: 08 maio 2017.
- UMBANDA 24 HORAS. **Os Incensos dos Orixás**. [201-]. Disponível em: <www.umbanda24horas.com.br>. Acesso em: 08 maio.2017.
- UMBANDA, Yorima. **As guias de contas da umbanda**. 2014. Disponível em: <umbandayorima.blogspot.com.br>. Acesso em: 12 outubro 2017.

UMBARÁ, Vitor de. **Orixás Forças sagradas da natureza:** Pelas cores conhecemos os Orixás. 2009. Disponível em: <<http://orvitordeumbara.blogspot.com.br>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

USILLOS, Andrés Gutiérrez. **Museología y Documentación:** Criterios para la definición de un proyecto de documentación en museos. [S.l.]: Ediciones Trea S.l., 2010. 208 p.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas dos Orixás.** 4. ed. Salvador: Currupio, 1997. 188 p.

VERGER, Pierre. **Orixás.** 6. ed. Salvador: Editora Currupio, 2002. 222 p.

VERGER, Pierre. **Orixás Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** 6 ed., Salvador: Editora Currupio, 1981. 109 p.

ANEXOS

ANEXO A-- Modelo de Ficha de Identificação do Museu Antropológico - Frente



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
MUSEU ANTROPOLÓGICO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Objeto:		Nº de Registro:	
Título:		Nº anterior:	
Autor:			
Local:			
Data: 2004			
Modo de aquisição: Compra			
Projeto:			
Procedência:			
Valor:			
Doador:			
Data de entrada:	Origem	Geográfica	Município: Estado:
Documentação comprobatória:		Étnica ou Etnológica	Grupo: Sociedade Indígena: Língua falada: Família linguística: Tronco linguístico:
		Arqueológica	CADASTRAMENTO REGIONAL CARTA ARQUEOLÓGICA: Sítio: Região: Área:
	IPHAN Documento enviado Data:		
DESCRIÇÃO:			

ANEXO B – Modelo de Ficha de Identificação do Museu Antropológico - Verso

DIMENSÕES Comprimento: Largura: Altura:		Raio: Diâmetro: Espessura: Circunferência:	PESO
Material:			
Técnica:			
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Bom <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Observações sobre o estado de conservação:			
HISTÓRICO:			
BIBLIOGRAFIA: VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas Africanas dos Orixás. 4ª edição; Editora Corrupio, 1997 VERGER, Pierre. Orixás. 6ª edição; Editora Corrupio, Salvador, 2002.			
OBSERVAÇÕES:			
DATA: 24/04/2017			
Responsáveis: Glen Ataidés Araujo		Assinatura:	

ANEXO C - Modelo de Ficha de Dados Etnográficos do Museu Antropológico - Frente



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
MUSEU ANTROPOLÓGICO



FICHA DE DADOS ETNOGRÁFICOS

Objeto: Título: Autor: Local: Data: Modo de aquisição: Projeto: Procedência: Valor: Doador:	Nº de Registro: Nº anterior:
DOCUMENTAÇÃO Museológica: De Pesquisa:	FONTE DOS DADOS E RESPONSÁVEIS Bibliográfico: Pesquisa: Projeto: Coordenador: Pesquisador:
DESCRIÇÃO FÍSICA	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	
MATÉRIA PRIMA	TÉCNICA
PROCESSO DE CONFECÇÃO	
INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS	

ANEXO D – Modelo de Ficha de Dados Etnográficos do Museu Antropológico - Verso

REGISTROS FOTOGRÁFICOS		
		
OBSERVAÇÕES		
Responsável pelo preenchimento:		
Data	Assinatura	
REFERÊNCIAS		

ANEXO E – Modelo de Ficha de Inventário do Museu Antropológico



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO
MUSEU ANTROPOLÓGICO



FICHA DE INVENTÁRIO

N° DE REGISTRO	DADOS DO OBJETO
<p>25 Provisório</p>	<p>Objeto: <u>ICONOGRAFIA DE OXÓSSE</u> Valor: Modo de aquisição: Nome do doador/coletor/vendedor: Origem Geográfica: Origem Etnográfica: Origem Arqueológica: Material: <u>RESINA</u> Técnica: Autor: Estado de Conservação: <u>BOM</u> Data de entrada: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u></p>
<p>26 Provisório</p>	<p>Objeto: <u>INDUMENTARIA OXUM</u> Valor: Modo de aquisição: <u>COMPRA</u> Nome do doador/coletor/vendedor: Origem Geográfica: Origem Etnográfica: Origem Arqueológica: Material: <u>TECIDOS</u> Técnica: Autor: Estado de Conservação: Data de entrada: <u> </u> / <u> </u> / <u>2004</u></p>
	<p>Objeto: Valor: Modo de aquisição: Nome do doador/coletor/vendedor: Origem Geográfica: Origem Etnográfica: Origem Arqueológica: Material: Técnica: Autor: Estado de Conservação: Data de entrada: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u></p>
	<p>Objeto: Valor: Modo de aquisição: Nome do doador/coletor/vendedor: Origem Geográfica: Origem Etnográfica: Origem Arqueológica: Material: Técnica: Autor: Estado de Conservação: Data de entrada: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u></p>